

Copyright (c) 2023 CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Fonte: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/2815>. Acesso em: 25 set. 2024.

#### Referência

BRASIL, Katia Tarouquella Rodrigues *et al.* Meninas Velozes: da periferia à universidade.

**Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 16, n. 10, p. 23871–23885, 2023.

DOI: 10.55905/revconv.16n.10-304. Disponível em:

<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/2815>. Acesso em: 25 set. 2024.



## **Meninas Velozes: da periferia à universidade**

### **Fast Girls: From the Suburbs to the University**

DOI: 10.55905/revconv.16n.10-304

Recebimento dos originais: 29/09/2023

Aceitação para publicação: 30/10/2023

#### **Katia Tarouquella Rodrigues Brasil**

Doutora em Psicologia

Instituição: Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (IP - UnB)

Endereço: Brasília-DF, Brasil

E-mail: ktarouquella@gmail.com

#### **Dianne Magalhães Viana**

Doutora em Engenharia Civil

Instituição: Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília (FT - UnB)

Endereço: Brasília-DF, Brasil

E-mail: diannemv@unb.br

#### **Tânia Mara Campos de Almeida**

Doutora em Antropologia

Instituição: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (IP - UnB)

Endereço: Brasília-DF, Brasil

E-mail: taniamaraca@unb.br

#### **Carla Emanuelle Silva de Carvalho**

Graduanda em Psicologia

Instituição: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (IP - UnB)

Endereço: Brasília-DF, Brasil

E-mail: carla.emanuelle.737@gmail.com

#### **Cecília Aguiar Silva Palau**

Licenciada em Ciências Sociais, Bacharela em Sociologia

Instituição: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (IP - UnB)

Endereço: Brasília-DF, Brasil

E-mail: cissa.1410@gmail.com

### **RESUMO**

Meninas Velozes é um projeto interdisciplinar de extensão e de pesquisa, da Universidade de Brasília (UnB), que mobiliza alunas do ensino médio da periferia da capital do Brasil a ingressarem em uma universidade pública. O projeto se propõe a enfrentar o desafio da divisão sexual discriminatória na formação educacional e no mercado de trabalho que restringe o acesso das mulheres às áreas relacionadas a ciências exatas e, majoritariamente, das mulheres negras e pobres da periferia. O projeto já atendeu aproximadamente 200 meninas de 14 a 17 anos nos 10 anos de sua existência e atualmente acompanha também 20 garotas que já ingressaram na



universidade e foram integrantes do projeto. As atividades propostas como extensão universitária na escola pública de periferia são: oficinas pedagógicas, encontros com mulheres do mercado de trabalho que atuam no campo das ciências exatas e engenharia, visitas a laboratórios de ensino e pesquisa da área tecnológica e rodas de conversas sobre gênero, racismo e adolescência. Serão apresentados os resultados preliminares do impacto psicossocial do ingresso das meninas de periferia na universidade. Foram realizadas entrevistas coletivas e individuais e aplicado um questionário sociodemográfico. Identificou-se algumas experiências desafiadoras vividas por essas jovens, como o fato de serem as primeiras pessoas de suas famílias a ingressarem no ensino universitário e a cobrança que vem junto com esta conquista, mas também as dificuldades de serem meninas da periferia em cursos de elite de uma universidade pública federal e, em algumas situações, cursos tradicionalmente masculinos, o que as coloca diante de conflitos ligados a questões de gênero e raça, como também de classe social. Desse modo, os encontros realizados nas entrevistas coletivas revelaram a importância do coletivo, pois retiraram essas jovens do sentimento de solidão e de isolamento que vivenciam na Universidade e possibilitaram o fortalecimento do vínculo entre elas.

**Palavras-chave:** gênero, inclusão, periferia, universidade.

#### **ABSTRACT**

Girls Velozes is an interdisciplinary extension and research project from the University of Brasilia (UnB), which mobilizes secondary school students from the outskirts of the Brazilian capital to enter a public university. The project sets out to confront the challenge of the discriminatory sexual division in education and in the labor market, which restricts the access of women to areas related to the exact sciences, and, in the majority, of black and poor women from the periphery. The project has already attended to approximately 200 girls between the ages of 14 and 17 in the 10 years of its existence, and is currently also accompanying 20 girls who have already entered the university and were members of the project. The activities proposed as a university extension in the public school on the outskirts are: pedagogical workshops, meetings with women from the labor market who work in the field of exact sciences and engineering, visits to teaching and research laboratories in the technological area and wheels of conversations about gender, racism and adolescence. The preliminary results of the psychosocial impact of the entry of girls from the outskirts into the university will be presented. Collective and individual interviews were conducted and a sociodemographic questionnaire was applied. Some challenging experiences experienced by these young women were identified, such as the fact that they were the first people from their families to enter university education and the income that comes along with this achievement, but also the difficulties of being girls from the outskirts in elite courses of a federal public university and, in some situations, traditional male courses, which puts them before conflicts linked to issues of gender and race, as well as social class. In this way, the meetings held in the collective interviews revealed the importance of the collective, because they removed these young women from the feeling of loneliness and isolation that they experienced at the University and made possible the strengthening of the bond between them.

**Keywords:** gender, inclusion, periphery, university.



## 1 INTRODUÇÃO

A situação em relação à equidade de gênero no Brasil levanta preocupações em relação ao modo como as mulheres se inserem no mercado de trabalho, pois, apesar de haver um crescimento incontestável, as mulheres assumem posições laborais do terceiro setor, especialmente de ensino e cuidado. Este quadro revela que as mulheres estão pouco presentes nas áreas de ciências exatas e tecnologias. Pires et al. (2021) destacam que essas áreas no Brasil possuem presença majoritariamente masculina, enquanto 71,3% das matrículas em cursos de licenciatura são do sexo feminino. Haja vista que representam apenas 13,3% do corpo discente em Computação e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e 21,6% em cursos de engenharia e profissões correlatas – retrato revelado pelas estatísticas de gênero realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021). Vale ressaltar que a desigualdade atinge também o mundo acadêmico e, ao considerar-se publicações de artigos científicos relacionados à área de Matemática e Computação, os autores apontam que 75% destes são publicados por homens (Pires et al., 2021).

Certamente, a equidade de gênero não é um desafio apenas brasileiro ou latino-americano. Em Portugal, Coelho e Ferreira (2018) chamaram a atenção para a diminuição da presença das mulheres nas engenharias e que tal situação é observável também nas Ciências, Matemática e Informática, haja vista que, de 64,2%, em 1991, se chegou a 44,2%, em 2017. Sendo assim, esta é uma preocupação que esteve presente no relatório do Fórum Econômico Mundial (WEF, 2019), ao afirmar que, caso não haja uma alteração no mundo em relação aos direitos das mulheres, serão necessários pelo menos 257 anos para desaparecer a desigualdade de gênero.

A preocupação em relação à divisão social e sexual do trabalho é um cenário que precisou ser enfrentado, de modo que, nos anos 80, as pesquisadoras Hirata e Kergoat (1988) chamaram atenção para a pouca representatividade das mulheres em áreas que se apresentavam como genuinamente masculinas. Hirata (2017) relata que são destinadas às mulheres as profissões voltadas para o cuidado com a saúde, a educação das crianças e o trabalho no mundo privado, enquanto aos homens são destinados os espaços de produção. As autoras apontaram para o fato da divisão do trabalho entre os sexos nos enviar ao conhecimento da relação entre homens e mulheres, a qual revela também as diferenças sociais e de classe, sinalizando suas raízes históricas. Ou seja, desde o passado, cabe às mulheres o trabalho doméstico restrito à esfera



privada enquanto aos homens cabe assumir um lugar na esfera pública. Federici (2019) mostra que a atribuição injusta do trabalho doméstico às mulheres constitui-se uma das formas mais potentes e sutis de dominação no sistema produtivo capitalista. Ao transformar o trabalho doméstico em um ato de amor, o capitalismo adquire uma enorme quantidade de trabalho gratuito que garante a reprodução da força de trabalho. A naturalização dessas concepções também é reproduzida no âmbito das relações de trabalho remuneradas e ocupadas pelas mulheres que são, muitas vezes, uma mera extensão dos serviços aprendidos no lar (Federici, 2019).

No contexto brasileiro, em que a exclusão social e a vulnerabilidade possuem, além da dimensão do gênero, a questão racial, é essencial analisar a situação da divisão sexual e social do trabalho também com base na interseccionalidade. Hirata (2014) afirma que o termo interseccionalidade foi utilizado pela primeira vez em 1989 em um texto da jurista norte-americana Kimberlé W. Crenshaw para designar a interdependência e a não-hierarquização dos marcadores sociais de gênero, raça e classe na qual certos grupos estão submetidos. Na década de 70, esse termo já era discutido no seio do movimento feminista negro, com um posicionamento crítico ao movimento feminista branco e elitista. Almeida et al. (2020) sublinharam que a vida das mulheres negras é marcada pelos sistemas inter-relacionados de poder, imbricadas pelo gênero, raça, classe, sexualidade, religião e até mesmo de outros marcadores sociais. Essa realidade pode ser observada nas posições ocupadas por mulheres negras no mercado de trabalho, que, de acordo com Hirata (2014), são essas que se encontram nos cargos com menor remuneração e prestígio social, como o emprego doméstico. Além disso, são as mulheres negras, de forma geral, que compõem massivamente o grupo de desempregados ou de pessoas em subemprego.

Diante desse cenário, o presente trabalho apresenta discussões a partir da análise de um projeto que busca promover a inserção de meninas da periferia na universidade. Nesse contexto, serão analisadas narrativas da experiência das adolescentes escolarizadas que integram o projeto e jovens que ingressaram na universidade pública e que fizeram parte do projeto de pesquisa e extensão, intitulado Meninas Velozes. Essas jovens foram as primeiras de suas famílias a ingressarem no ensino universitário em cursos de elite e tal situação as coloca diante de conflitos ligados a questões de gênero e raça, como também de classe social.

O projeto foi criado em 2013 a partir de uma iniciativa de professoras da Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília (UnB) com o objetivo de ampliar a participação e



inclusão nas engenharias. A escola escolhida, o Centro de Ensino Médio 404 (CEM 404), localiza-se na Região Administrativa de Santa Maria, região periférica do Distrito Federal (DF), capital do Brasil, que apresenta indicadores de vulnerabilidade social como baixo Índice de Desenvolvimento Social (IDH), gravidez precoce e evasão escolar (Almeida et al., 2020). Com a expansão do projeto, a equipe de atuação passou a ser composta por professoras e alunas de diferentes áreas do conhecimento, sendo elas: Psicologia, Ciências Sociais, Comunicação Social, Educação e áreas diversas da Engenharia.

A principal via de atuação do projeto são oficinas, elaboradas pelas graduandas extensionistas dos cursos de Engenharia juntamente às coordenadoras, onde os conteúdos das matérias de exatas do ensino médio são trabalhados por meio de métodos e estratégias de aprendizagem ativa. Aliadas à essa frente, as professoras e graduandas das áreas de Sociologia, Pedagogia e Psicologia da UnB, desenvolvem atividades abordando temas relevantes para a realidade das secundaristas, tais como gênero, raça, classe, mercado de trabalho e relações familiares.

A partir disso, o presente trabalho propõe-se a discutir as principais repercussões psíquicas e sociais do Meninas Velozes sobre as alunas da escola, tendo em vista que o local ocupado por essas alunas é atravessado por marcadores sociais de gênero, raça e classe com repercussões diversas em suas subjetividades (Almeida et al., 2020) e que a preparação global delas para o acesso à universidade começa no ensino médio. Trata-se, portanto, de uma iniciativa que, além de facilitar e promover atividades educativas, é também um fator de prevenção à saúde mental das estudantes e de possíveis conflitos psicossociais. Os relatos obtidos por meio das entrevistas coletivas, realizadas em grupo, evidenciaram a importância do projeto para o desenvolvimento e fortalecimento da autonomia e autoestima das alunas, como será abordado nas próximas seções.

### 1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi empregada uma metodologia mista, porém com ênfase qualitativa. Todas as etapas da pesquisa, em consequência da pandemia de COVID-19, foram desenvolvidas através de plataformas *online*, previamente conhecidas pelas participantes. Realizou-se, então, o acompanhamento das atividades remotas do projeto por meio de observações, as quais resultaram na elaboração de um questionário respondido com uso de um formulário *Google*, tanto pelas



secundaristas quanto pelas monitoras universitárias. Também foram realizadas duas entrevistas coletivas, uma para cada grupo.

O questionário foi elaborado com o objetivo de caracterizar os grupos envolvidos. Marcadores sociais já mencionados, como classe e raça, foram perguntados, pois entende-se que, uma vez que tais características têm uma importante dimensão social, são dados significativos para atuação do Meninas Velozes, bem como para seus efeitos.

A partir de contatos com os grupos envolvidos no projeto, tanto da UnB quanto da escola, principalmente via aplicativo *Whatsapp*, foi-se negociando as entrevistas. As participantes foram esclarecidas sobre a finalidade das entrevistas nas conversas e apenas o áudio foi gravado e transcrito para análise posterior.

Uma vez concluídas, as entrevistas são entendidas como registros da percepção e elaborações de cada participante acerca do Meninas Velozes, o que Mendes e Miskulin (2017) nomeiam figurativamente de “retalhos”. Juntas, porém, formam um material que se complementa, cuja interpretação foi de grande valia para o desenvolvimento do projeto em si e da presente pesquisa.

Mendes e Miskulin (2017) apontam para três fases da análise de conteúdo em pesquisas qualitativas. A pré-análise aqui se constituiu como a transcrição e a primeira leitura das entrevistas. A exploração do material deu-se por uma segunda leitura, formando “unidades de registro”, definidas a partir de temas comuns a todos os entrevistados, ou que apenas poucos neles tocaram. Já na fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, as categorias foram dispostas em uma ordem lógica, tanto segundo as falas dos entrevistados quanto para a melhor explanação no texto.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiramente, um questionário semiestruturado, como formulário *online*, foi enviado para as monitoras (alunas da UnB) e estudantes escolarizadas do projeto Meninas Velozes. Esse instrumento teve o objetivo de proporcionar uma primeira caracterização do grupo, com cinco questões fechadas para a coleta de dados sociodemográficos, seguido de uma pergunta aberta, que abordou a relação das respondentes com o projeto. O formulário foi enviado através de grupos de *Whatsapp*, e emails, para um total de 30 pessoas, dessas sendo 14 monitoras e 16 estudantes secundaristas. As respostas obtidas foram 26, sendo 11 das monitoras e 15 das



estudantes secundaristas. O grupo, como um todo, apesar de ser dividido entre as duas categorias do projeto, tem características sociais similares.

Tem-se uma maioria de participantes autodeclaradas negras, (19, das 26 respondentes), assim como a renda majoritária foi de até 3 salários-mínimos (22 respostas). As adolescentes, quase em sua totalidade, residem em Santa Maria, localidade da escola e região administrativa do Distrito Federal (DF). Já as monitoras residem em locais diversos do DF, porém, em conformidade com a renda informada, não foi notada uma centralidade maior das monitoras em locais de renda per capita mais alta em relação às alunas. 17 participantes residem em um grupo familiar de 4 a 7 pessoas, enquanto apenas 5 possuem de 1 a 3 pessoas nas residências. A idade das secundaristas é de 15 a 17 anos, enquanto das monitoras é de 19 a 23.

Na questão aberta, a relação das participantes com o Meninas Velozes foi vista como muito positiva. O projeto foi mencionado como uma atividade diferenciada das aulas obrigatórias (aqui, pelos dois grupos, logo refere-se tanto às aulas da escola quanto da universidade), o que gera mais motivação para a participação. Essa primeira visão geral sobre a importância do projeto pelo grupo foi confirmada e aprofundada nas entrevistas.

As entrevistas com as universitárias e alunas foram organizadas de acordo com quatro aspectos considerados: (i) labirinto de cristal; (ii) rede de apoio; (iii) desenvolvimento de habilidades sociais; (iv) fortalecimento da identidade. A seguir são destacados os trechos mais significativos das entrevistas para os propósitos desta pesquisa, em que a categoria gênero, raça e classe social foram temas relevantes na narrativa das jovens. Os nomes das entrevistadas foram omitidos.

Larissa do Carmo (2018) destaca que o gênero é o marcador social que, quando ligado ao trabalho, destina o cuidado e a reprodução ao feminino, o que no âmbito cultural, também atravessado por relações de poder, recebe reconhecimento menor do que os trabalhos destinados tradicionalmente ao masculino. Dessa forma, a autora utiliza o conceito de Lima (2013), que interpreta a realidade das mulheres que rompem com tal divisão:

O Labirinto de Cristal, conceito proposto durante a especialização e aprofundado no mestrado, indica que os obstáculos encontrados pelas mulheres, simplesmente por pertencerem à categoria “mulher”, estão dispostos ao longo de sua trajetória acadêmica, e até mesmo antes, na escolha da área de atuação. (LIMA, 2013, p. 886).

Ao longo das entrevistas, as graduandas deram exemplos práticos da vida dessas meninas no contexto universitário frente a tais obstáculos, como nos trechos:



(...) tem poucas mulheres, é... então já teve momentos de em grupo eu falar, uma coisa “vai dar errado gente, vai errado, não faz assim, faz de outro jeito” a pessoa, maioria dos meninos né, que as meninas lá se juntando pelo mesmo vai dar errado, aí eles não quiseram, acatar nossa opinião porque eles eram mais, e deu errado e a gente teve que refazer uma parte do trabalho.

(...) fizeram uma estatística que parece que no meu curso só 12% dos alunos são mulheres, então tem turmas que você tem duas alunas só, então tinha mais resistência por parte dos meninos para você entrar dentro dos trabalhos, então é complicado, complicado não, assim, mas... tinha gente que preferia excluir

Consoante às ideias de Almeida et al. (2020), é recorrente o trabalho feminino ser associado a características negativas dentro do ambiente acadêmico e do mercado de trabalho. Essa pressão diminui as contribuições das mulheres nesses ambientes e pode fazer com que as estudantes se sintam constantemente julgadas, especialmente se forem calouras. Nos casos relatados pelas alunas, percebe-se uma constante subestimação de suas capacidades intelectuais e competências acadêmicas, obstáculos provenientes de um ambiente que reproduz o machismo institucionalizado, como sublinha Almeida et al. (2020). Antes mesmo do ingresso na universidade, alguns desafios estão dispostos nas trajetórias das estudantes secundaristas provenientes do lugar social ocupado por elas, como demonstrado no trecho que destaca, ainda, a sobrecarga de atividades no período da pandemia de COVID-19:

... a maioria das atividades é grande e valendo bastante nota. Então acaba que sobrecarrega a nossa vida de estudante e a nova rotina né, vamos dizer, de dona de casa. Porque a gente só não estuda, a gente ajuda em casa, a gente cuida do irmão, a gente cuida de tudo.

Interseccionada com a questão da divisão de tarefas entre os gêneros, a classe econômica também é uma condição social que foi reconhecida importante e citada pelos participantes como restritiva às suas trajetórias. Carvalho e Nogueira (2020), ao estudarem os quartos de crianças das classes média e alta, afirmam que os ambientes, em sua maioria, possuem um espaço dedicado aos estudos, o que ao mesmo tempo proporciona uma autonomia escolar às crianças e, também, revela a importância à educação formal que os pais atribuem.

Trata-se, então, de hábitos e ambientes domésticos que perpassam todos esses marcadores sociais. A família e a escola são os exemplos de instituições trazidas pelos entrevistados que têm impacto, retomando ao conceito do “labirinto de cristal”, ao longo de toda a vida das estudantes. Na adolescência, especialmente, tem-se um momento quando, ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho formal começa a ser uma possibilidade, a família ainda é o meio de convivência e, portanto, a referência para as jovens.



As entrevistadas no geral, portanto, possuem uma visão positiva do projeto, concomitantemente com o reconhecimento das limitações deste, uma vez que analisa um grupo pequeno, que se propõe a discutir desigualdades históricas e estruturais, justamente as que mobilizaram as idealizadoras do Meninas Velozes. São iniciativas como essa, porém, que, aos poucos, contribuem para se alcançar a equidade quando se fala de oportunidades de estudos e de postos de trabalho, de elevação da autoestima, da confiança em si mesmas, da coragem em ousar. Desse modo, o projeto atua também no fortalecimento da identidade das integrantes, como explicitado pelas alunas secundaristas:

Eu acho que o projeto, além dele inspirar muito a gente, ele também vem para fortalecer a nossa identidade, mostrar... (...) o melhor de nós, né... (...) porque vocês trabalham muito a nossa identidade...Trabalham nesse negócio da mulher mesmo que... ela pode se...ela tem que ser empoderada, tem que ser dona mesmo... de tudo e tá tudo bem. (...) E o fato de...ser um projeto só com mulheres, eu acho incrível o empoderamento que vocês passam para a gente. Sempre tem algum debate, algum documentário assim... falando sobre o empoderamento feminino, sobre... protagonismo feminino, sobretudo. E acaba que isso incentiva, pelo menos me incentiva, a mostrar a minha verdadeira opinião como mulher e... tentar...é... ganhar, né, conquistar o meu lugar numa sociedade machista...

Destarte, o projeto, ao oferecer também um espaço coletivo de discussão a respeito dos dilemas psicossociais vivenciados pelas integrantes, constitui-se enquanto um fator de proteção à saúde mental e de superação às barreiras impostas às mulheres em uma sociedade sexista, como destaca Almeida et al. (2020). Para as graduandas e alunas, um espaço de escuta e discussão a respeito das questões de gênero, raça e classe é um importante fator para a desmistificação dos estereótipos de gênero socialmente atribuídos, e, por conseguinte, um importante fator para a ampliação de perspectivas futuras dessas jovens. A coletividade, então, entre as participantes, é também um ponto fundamental, ainda mais dentro do cenário masculinizado dos cursos destacados, a exemplo, quando as monitoras relatam:

Querendo ou não é um espaço que eu me sinto aberta e acolhida para falar as coisas, sem precisar de repressão que por exemplo a gente tem na engenharia, igual (a monitora) falou, de falar algo, e a pessoa simplesmente deixar de lado e te ignorar porque você é mulher.

Eu me sinto bem, igual uma amiga minha fala que a gente tem que dar uma pausa de tantos homens (risos) que a gente vive rodeada, que está no ambiente mais... que tem várias outras mulheres, professoras. Então tem vezes que a gente ouve umas histórias legais, uma troca de... de experiências, porque tem as meninas de outras engenharias, tem as meninas que não são das engenharias, tem as professoras. Então acho que é uma troca legal, e para o meu pessoal eu me sinto... eu me sinto bem, porque eu sempre quis participar de um projeto assim que fizesse algo... pela causa feminina.



DeLuca, Rocha-de-Oliveira e Chiesa (2016), em um artigo em que analisam as diferentes concepções de “carreira”, destacam as ideias do antropólogo brasileiro Gilberto Velho. Apesar de não se constituir como carreira ainda, os dois ambientes destacados ao longo desse texto, a escola de ensino médio e a universidade, têm, entre outras, a função da preparação para o mundo do trabalho, assim como esse universo dialoga com os objetivos do “Meninas Velozes”, que se volta para fomentar o deslocamento das meninas dos lugares estereotipados em que se veem fixadas e restritas a partir de gênero, raça e classe. Os autores apontam que:

O campo de possibilidades é, portanto, o rol de alternativas que se apresenta ao indivíduo a partir de processos sócio-históricos mais amplos que, além disso, passam pelo potencial interpretativo da sociedade. Trata-se de algo que é dado, mas que passa, ao mesmo tempo, por ressignificações em diferentes contextos, demonstrando o potencial de metamorfose do indivíduo. O campo de possibilidades é um conceito fundamental para compreensão da maneira pela qual os projetos se movimentam ao longo de uma trajetória de vida, coerentemente ou não”. (DeLuca, Rocha-de-Oliveira e Chiesa, 2016, p. 466)

Na citação acima, “projetos” são tomados como os planos que cada indivíduo faz para si, tendo como base as referências de seu contexto social e suas memórias significativas (p. 465). Apesar de se tratar de um grupo relativamente pequeno no montante discente da escola, o Meninas Velozes, ao trabalhar questões sociais e reforçar os conteúdos de forma lúdica e conjunta, instiga o pensamento crítico e a autonomia das estudantes individualmente e em grupo.

Dessa forma, um novo campo de possibilidades se abre com a presença do Meninas Velozes, tanto no ensino médio como na inserção e circulação das participantes no ambiente universitário. Os aprendizados adquiridos e as habilidades desenvolvidas, inclusive as sociais e psíquicas, no ensino médio por meio do projeto mostram-se de grande valor na nova etapa de vida das graduadas. Nos trechos a seguir, as alunas secundaristas destacam as repercussões psíquicas e sociais das intervenções realizadas pelo projeto, que possuem um forte potencial de ampliação do campo de possibilidades dessas jovens:

Essa mulher (uma professora convidada), ela me inspirou...a... né, me aprofundar nesse estudo de exatas e que... foi que vocês a trouxeram para o projeto... para aquela entrevista que ela falou sobre tudo e eu saí dali tipo... “gente, é isso que eu quero para minha vida e é isso aqui”, entendeu? (...)

Eu praticamente não tenho argumentos para falar sobre vocês. Conhecer vocês, foi muito incrível, ampliou bastante a minha visão, o meu pensamento sobre o conceito de...ser mulher, o conceito de ser representada na área de exatas (...) E... Vocês foram tipo uma parte dessa nossa história, pelo menos para mim foi, dessa... vou dizer dessa ampliação, desse caminho que é ser uma mulher empoderada em pleno cotidiano machista (...)



Nesse sentido, mesmo que não sigam o caminho das Ciências Exatas e suas tecnologias, as alunas desenvolvem contato direto com a universidade durante o ensino médio, e mesmo aquelas e aqueles alunos não participantes, acabam por ter algum contato indireto, através das alunas que participam e das atividades que envolvem toda a escola.

Longe de ser meramente uma escolha pessoal, as possibilidades que a elas se abrem passam pelo crivo da sociedade, sendo, portanto, muitas vezes moldadas pelas estruturas sociais nas quais o indivíduo se encontra. A escolha pelo curso superior deve ser, portanto, uma possibilidade trabalhada, discutida e bem refletida, de forma a incentivá-las, levando em conta as questões sociais, e da ordem racial e de gênero que permeiam essa escolha.

A maioria das adolescentes do projeto, que ingressaram na universidade, são as primeiras de suas famílias a cursarem o ensino superior. Com efeito, existe uma cobrança interna que vem junto com essa conquista e, por isso, encontrar um espaço de fala sobre o desafio que é estar na universidade pode também fortalecer essas jovens enquanto grupo. O estar junto, em um coletivo, ganha importância destacada para essas meninas, pois nem sempre encontram em suas comunidades de origem pessoas com quem possam trocar e construir uma rede de suporte para os tempos difíceis. Desse modo, os encontros realizados nas entrevistas coletivas revelaram a centralidade desse coletivo, pois retiraram essas jovens do sentimento de solidão e de isolamento que vivenciam na universidade e possibilitaram o fortalecimento do vínculo entre elas.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas, muitas vezes, são instituições que reforçam desigualdades, mas há parcerias que se propõem a questionar a sociedade criticamente, como o vínculo entre o Meninas Velozes e a escola de periferia CEM 404. Esse vínculo produz o efeito contrário à reprodução das desigualdades para as e os estudantes. Os debates trazidos pelo projeto, juntamente com o conhecimento prévio das estudantes, constroem um diálogo que não se limita aos momentos da atuação em si do projeto, mas sim, repercutem a longo prazo tanto para elas, participantes, quanto para colegas e professores.

Alguns instrumentos legais para se dar mais espaço aos estudantes de escolas públicas e/ou autodeclarados pretos e pardos nas universidades federais brasileiras foram conquistados nos últimos anos, a exemplo da Lei de Cotas (Lei n. 12.711) em 2012 e, mais recentemente, a resolução que reserva vagas para negros, indígenas e quilombolas nos programas de pós-



graduação da UnB. Tais iniciativas se fazem necessárias justamente pelos obstáculos enfrentados por esses segmentos da população. Ribeiro (2017), ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) de 2014, constata que completar o ensino médio ainda é a principal barreira quando se trata de oportunidades educacionais.

O projeto “Meninas Velozes” atua, portanto, com um público estratégico. Ao longo de seus quase nove anos ininterruptos de atividade, ex-alunas da escola ingressaram na UnB e em outras instituições de ensino superior. Atualmente, o projeto se desdobrou internamente e conta com 2 extensionistas (chamadas monitoras do projeto) que participaram como secundaristas do CEM 404 e hoje são alunas de cursos da graduação da Faculdade de Tecnologia (FT) e da Faculdade do Gama, da UnB.

O Meninas Velozes é um grupo que, desde agosto de 2018, tem sido estudado via projetos de iniciação científica nas áreas de Psicologia e Ciências Sociais, o que abarca mais um braço do fazer universitário ao olhar academicamente para si mesmo e buscar desenvolver uma autorreflexão científica sobre suas teorias, conceitos, metodologias e resultados de intervenção. Assim, a pesquisa como parte também do projeto contribui também para melhorar sua atuação. O presente trabalho, ao possibilitar o conhecimento mais a fundo da realidade da escola e das alunas, demonstrou alguns dos resultados dos seus alcances e princípios, que além de motivar a equidade de gênero nas ciências exatas e engenharias de modo mais amplo, traz benefícios para a vida de cada uma das integrantes, em perspectiva psicossocial de suas questões subjetivas e dos seus desejos de se colocarem em novas posições na sociedade.

É um projeto, portanto, que de fato assume um forte compromisso com a transformação da realidade macrossocial e com a alteração da realidade microssocial do grupo e de cada pessoa nele inserida. Já, no ensino médio, auxilia na inserção e circulação das suas participantes no ambiente universitário. Os aprendizados adquiridos e as habilidades desenvolvidas por meio do projeto não são apenas da ordem de conteúdo, mas são ganhos e suportes sociais e psíquicos. Logo, as alunas graduadas, ex-Meninas Velozes, levam para a sua nova etapa de vida, uma bagagem importante, especialmente que a ideia de que manterem-se inseridas em um grupo de apoio e com pessoas em condições de gênero, raça e situação econômica semelhante à delas terá relevante valor e será um nicho de resistência a tantas opressões do mundo acadêmico e profissional.



### AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem ao Decanto de Extensão da Universidade de Brasília (DEX/UnB), ao Decanato de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília (DPI/UnB), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP – DF), pelos apoios institucional e financeiro.



## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Cibele Noronha de.; NOGUEIRA, Maria Alice. Nascer em berço de ouro: O quarto infantil como instância socializatória. **Educação & Sociedade**, 41.2020.

CARVALHO, Júlia Baerlocher; MELO, Mônica Cristina. A família e os papéis de gênero na adolescência. **Psicologia & Sociedade**, 31.2019.

COELHO, Lina.; FERREIRA, Virgínia. Segregação sexual do emprego em Portugal no último quarto de século – Agravamento ou abrandamento? **E-Cadernos CES**, 28, 77-89. 2018. Disponível em: URL: <http://journals.openedition.org/eces/3205> Acesso em 06 de outubro de 2023.

DELUCA, Gabriela.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei.; CHIESA, Carolina Dalla. Projeto e metamorfose: contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreiras. **Revista de administração contemporânea**, 20(4), 458-476. 2016.

HIRATA, Helena.; KERGOAT, Danielle. Rapports sociaux de sexe et psychopathologie du travail. In: Dejours, Christophe (Org.). **Plaisir et souffrance au travail**, 2, 131-163. Paris: Éditions de l'Aocip. 1988.

\_\_\_\_\_. Rapports sociaux de sexe et psychopathologie du travail. **Travailler**, 2017/1 (37), 163-203. 2017. DOI: 10.3917/trav.037.0163. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-travailler-2017-1-page-163.htm> Acesso em 07 de outubro de 2023.

INÁCIO, Larissa do Carmo. **Os (des) caminhos das mulheres cientistas: padrões de ascensão e desigualdade feminina no campo científico**. Monografia (bacharelado em Sociologia), Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. 2018.

JEZINE, Edineide. As práticas curriculares e a extensão universitária. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte. 2004.

LIMA, Betina Stefanelo. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Revista Estudos Feministas**, 21(3), 883-903. 2013.

MENDES, Rosana Maria.; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, 47(165), 1044-1066. 2017.

PIRES, Yomara Piheiro; ALVES, Maria Roselene Lima, REGO, Liviane; ALBUQUERQUE JÚNIOR, Francisco Agnaldo. Diagnóstico da presença feminina nos cursos superiores e no mercado de trabalho em tecnologia da informação no estado do Pará. **XI Computer on the Beach**. 2021. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/acotb/article/view/17435/0> Acesso em 07 de outubro de 2023.

RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. Tendências da desigualdade de oportunidades no Brasil: mobilidade social e estratificação educacional. **Mercado de Trabalho**, 67, 49-65. 2017.



VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, 22(44), 203-220. 2014.

UnB. **Anuário Estatístico da Universidade de Brasília**. Departamento de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional. 2019. Acesso em: [http://www.dpo.unb.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=47&Itemid=872](http://www.dpo.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=872) Acesso em 06 de outubro de 2023.

UnB. **UnB aprova política para reserva de vagas na pós-graduação**. ASCON, Gabinete da Reitoria. Brasília – DF. 05/06/2020. 2020. Disponível em: <https://noticias.unb.br/76-institucional/4188-unb-aprova-politica-para-reserva-de-vagas-na-pos-graduacao> Acesso em 07 de outubro de 20223.

WEF. **World Economic Forum**. Global Gender Gap Report 2018 Geneva, Switzerland. 2018.